

Paulo Freire: desde o Recife

Ana Mae Barbosa

"A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa." Paulo Freire



Paulo Freire subindo as escadas do auditório da FAU no dia 15 de setembro de 1980 com João Alexandre Barbosa, a quem ele pediu que o acompanhasse pois estava com labirintite. Proferiu a conferência de abertura da Semana de Arte e Ensino cujo título foi dado por Haroldo de Campos parodiando os motes dos repentistas do Nordeste **“O retrato do pai pelos jovens artistas”**

Sou hoje uma das poucas pessoas ainda vivas que teve o privilégio de despertar para o mundo intelectual através das aulas de Português de Paulo Freire, aprendendo as noções de gramática para passar num exame de ingresso à carreira

de magistério primário e ao mesmo tempo descobrindo a mim mesma e às minhas circunstâncias históricas.

Eu tinha 18 anos, vivia no Recife quando fui sua aluna não só de Português, mas de Teoria da Educação em um curso intensivo (1955). Estudava ao mesmo tempo para o vestibular de Direito contra a vontade de minha avó. Ela me criou, pois fiquei órfã muito cedo e era contra mulheres na universidade. Sou de uma família tradicional e conservadora já decadente economicamente quando nasci. Perderam o dinheiro mas não a pose e o conservadorismo.

Paulo Freire mudou minha vida, como mudou a de milhares de pessoas neste Brasil nos possibilitando a compreensão das ordens sociais que nos oprimiam e nos ajudando a desenvolver a capacidade de organizar as ações em direção a realização de nossos ideais.

Na primeira aula do Curso de Preparação para o Concurso de Professores Primários de Quarta Instancia (capital), Paulo Freire, já iniciando no SESI/Recife suas pesquisas sobre o ensino baseado no universo do aluno, propôs uma redação sobre as razões que nos levavam a quereremos ser professoras. Respondi explicitando porque não queria ser professora, mas que este era o único trabalho que minha família admitia como digno para uma mulher. Ele não me devolveu a redação, pediu para eu chegar mais cedo no dia seguinte para conversarmos. Foi uma longa conversa, na qual me convenceu que Educação não era repressão mas um processo de problematização, libertação e conscientização.

A partir daí, Paulo Freire influenciou não só nas minhas ideias, nas minhas escolhas, mas também na minha vida.

No Curso organizado por Paulo Freire e Elza Freire eu que sempre odiei as aulas de Desenho geométrico, conheci as teorias modernistas do ensino da Arte através de Noêmia Varela, uma das professoras do curso e mais uma vez me surpreendi com a educação errada que eu tivera. Em um colégio de freiras, uma vez uma delas rasgou um desenho meu em frente de toda a classe porque não copieei exatamente o que ela desenhara na lousa. Tendo passado no Concurso para

professora, alfabetizei crianças dos alagados do Recife por dois anos com a orientação de Paulo Freire e fiz estagio na Escolinha de Arte do Recife, da qual ele era presidente, passando logo depois a ser professora efetiva.

Noemia Varela era a diretora e frequentemente se falavam por telefone para conversar sobre projetos da Escolinha. Algumas vezes ele ia a Escolinha conversar com D. Noemia, mas com aquele jeito só dele também conversava com as professoras. Seus filhos foram alunos da Escolinha, que ainda existe, a qual fez parte de um grande movimento em prol da Arte/Educação no Brasil, começando em 1948. Tivemos 144 Escolinhas no Brasil, 1 no Paraguai, 2 na Argentina e 1 em Portugal. Eu cheguei a São Paulo mais ou menos ao mesmo tempo que Madalena, sua filha, chegou e começamos a trabalhar juntas numa Escolinha desta rede (1968-1971) que organizei com a ajuda de José Mindlin. Paulo Freire nos ajudava muito enviando livros e fazendo comentários sobre nosso trabalho em cartas. Madalena e eu ficamos muito amigas. Eu a admiro muitíssimo.

O problema de quem pesquisa Paulo Freire sobre as Artes é que ele foi um grande defensor das Artes em todas as instituições nas quais trabalhou, mas não escreveu sobre Arte na Educação. Entretanto, suas ações foram um manifesto em favor das Artes e não esqueçam que ele foi professor da Escola de Belas Artes do Recife (hoje UFPE).

Ele e sua primeira mulher, Elza Freire, iniciaram em Recife com a professora Miriam Didier, um projeto de alfabetização através da Arte com crianças de uma escola pública da qual Elza Freire era diretora. Os dois e Raquel Crasto, grande educadora, tiveram uma escola que continua funcionando e que priorizava a Arte e o faz até hoje: o Instituto Capibaribe.



Foto de Samuel Iavelberg na inauguração da Escola da Vila, São Paulo.

Há um livro que liga Paulo Freire às Artes através do DIALOGO. Trata-se de *Dialogues in Public Art* de Tom Finkelpearl, publicado há vinte e um anos pela MIT Press. O autor o dedica a Paulo Freire com uma singela frase “*Este livro é dedicado a Paulo Freire (1921 -1997) Teórico e praticante do diálogo*”.

No livro há uma entrevista do autor com Paulo Freire comparando suas ideias sobre a relação entre professor/aluno com ideias de vários teóricos, alguns da Arte Esses teóricos, Rosalind Krauss, Johanne Lamoureaux, Bakhtin, Bell Hooks, Miwon Kwon, defendem a Arte como comunicação. O autor usa os textos de Freire para demonstrar que também a relação arte/público não é uma comunicação de mão única. O aluno e o público não são meros repositórios. O objetivo do diálogo na epistemologia de Paulo Freire e nos depoimentos dos outros 25 autores de artigos e artistas entrevistados neste livro, como Mel Chin (um dos meus artistas preferidos) Maya Lin, Vito Acconci, Douglas Crimp,

Elisabeth Sisco, Krzysztof Wodiczko, etc. não é convencer ninguém de alguma coisa ou ideia, é desenvolver a capacidade crítica. Sem capacidade crítica ninguém transforma informação em conhecimento e ninguém estabelece relações entre conhecimentos de diferentes áreas.

Paulo Freire pensou a educação dos oprimidos mas nunca foi um populista. Ele diz neste livro ao qual me referi acima (FINKELPEARL,1999, pag. 282) que para se trabalhar com comunidades não era necessário ver a comunidade como proprietária da verdade e da virtude, significava respeitar os membros da comunidade. Ele dizia que o erro dos sectários dos programas em comunidades não era a crítica, negação ou rejeição de intelectuais acadêmicos arrogantes mas desconsiderar a teoria, a necessidade de rigor e seriedade intelectual.

Fui duas vezes a Genebra visitá-lo no exílio. A primeira vez fui sozinha e fiquei hospedada com eles e Fátima me ajudou a explorar a cidade. Da segunda vez fui com a família, e meus filhos até hoje não esquecem as noites em que jantávamos juntos saboreando aquele tipo de conversa que a gente lembra para sempre. A tristeza dele não poder voltar era amenizada pela mágica de D. Elza conseguir matéria-prima para fazer comidas brasileiras, até tapioca e pelo frio do qual gostava. Era inverno e comecei a sentir frio na sala. Perguntei se não tinha aquecimento, ele respondeu que sim, mas mantinha pelo menos uma janela aberta para usufruir do frio.

No ano em que ele chegou de volta do exílio, convidei-o para abrir a Semana de Arte e Ensino (1980) na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, um congresso que foi um dos primeiros movimentos de redemocratização do país, talvez o maior evento de Arte/Educação até agora no Brasil. Sua palestra foi assistida por 3.000 arte/educadores. A conferência de Paulo Freire foi dada no Auditório da Faculdade de Arquitetura por ser o maior da USP. Entretanto foi necessário convocar o auxílio da TV Cultura para filmar e jogar a imagem e som em um telão fora do auditório, no lugar que chamavam Salão Caramelo.

O nome dele como palestrante não fora divulgado nem no pré-programa nem na imprensa, para não parecer que o estávamos usando como chamariz para o evento. Sua primeira aparição em público havia sido uma apoteose e ele ovacionado pelos presentes que lotavam o TUCA da PUC e suas vizinhanças.

No Programa da Semana de Arte e Ensino (1980) entregue aos participantes no dia da abertura, assim justifiquei a ausência de seu nome na publicidade do evento:

“Todas as decisões, inclusive o temário dos debates, foram submetidas à aprovação em reuniões gerais abertas ao público e convocadas por jornais.

Decidiu quem quis e quem pode participar.

Só uma coisa foi mantida em segredo: a participação de Paulo Freire como conferencista.

Meu enorme respeito por ele e pelos arte-educadores me fez temer que a divulgação de sua participação pudesse parecer uma forma de atrair participantes para a Semana de Arte e Ensino. Ele estará falando aos arte-educadores não porque é o maior educador brasileiro mas porque desde os velhos tempos do Recife ele e D. Elza sempre mantiveram estreita ligação e influência na Arte-Educação.

O tema de sua palestra é um mote que à moda nordestina lancei para ele como desafio. Um dia depois de um intrigante bate papo na Escola da Vila disse para ele:

- Você diz que os pais aprendem com os filhos e os professores com os alunos. Então, você, que tem dois filhos arte-educadores e um estudante de Arte (Joaquim), o que aprendeu com eles sobre arte-educação?

Ele aceitou o desafio de responder à pergunta para todos nós durante essa Semana e aceitou também que outra pessoa desse o título para este desafio. Foi Haroldo de Campos quem conversando comigo sobre o Programa batizou sua conferência de “O retrato do pai pelos jovens artistas”

Naquele dia, ele meio tonto pois estava com labirintite, ficou feliz ao rever amigos e conterrâneos como Noemia Varela e Aloisio Magalhães e conhecer

gente nova como Mário Barata, Yan Michalski, Koelreuter e Walter Zanini, também convidados a falar e que assistiram sua conferência de abertura.

Os originais dos anais da Semana de Arte e Ensino foram perdidos na fase de revisão para publicação, um fato estranho.

Fui sujeito da Pedagogia em favor do Oprimido de todas as classes sociais, todos os gêneros e todas as origens praticada pôr Paulo Freire, e mais tarde testemunha da influência que esta Pedagogia transformada em teoria operou nas Universidades Americanas, Africanas, Inglesas e Europeias em geral.

Quando ingressei em 1977 no programa de doutorado na Faculdade de Educação na Universidade de Boston, com uma carta de apresentação de Paulo Freire, um curso sobre a Pedagogia do Oprimido estava sendo ministrado. Foi inimaginável a minha aventura emocional e cognitiva ao ter como objeto de estudo o próprio processo libertador que me havia resgatado dos modelos bancários de operação mental. Nunca fui tão bem tratada, tão ouvida em uma universidade como na de Boston. Graças a este tratamento muito especial consegui cumprir todas as exigências do programa em um ano, e voltei seis meses depois para defender a tese poupando-me de ter de ficar separada da família.

Paulo Freire, Jonathan Kozol e Ivan Illich eram os grandes heróis da educação naquela época. Os outros foram esquecidos, mas Paulo Freire continua, principalmente através de A Pedagogia do Oprimido a servir de base para os dois movimentos mais significantes na teoria da Educação hoje, a Pedagogia Crítica e a Pedagogia Cultural, inspiradas em seu conceito de Conscientização e no conceito de Experiência de John Dewey, parentes epistemológicos. Aliás o primeiro livro de Dewey que li, Meu Credo Pedagógico, me foi dado por Paulo Freire ainda no Recife.

A Pedagogia do Oprimido, livro publicado num período de acerba crítica educacional (1968), foi a resposta convincente para os movimentos reivindicatórios dos estudantes do mundo desenvolvido operando-se uma curiosa contradição: o educador do mundo subdesenvolvido, com suas teorias construídas

na prática da pobreza do terceiro mundo, sendo válvula propulsora da libertação do mundo desenvolvido. A Pedagogia do Oprimido é a epistemologia que responde à Revolução Estudantil de 68 na França.

A Pedagogia do Oprimido é pedagogia do re+conhecimento cultural e principalmente é a pedagogia do pensamento crítico contextualizado.

Foram estas bases fenomenológicas que vigoraram no curso de Pós-Graduação “Arte-Educação e Ação Cultural”, que ele deu em 1987 na USP, na Escola de Comunicações e Artes a meu convite.

Ele estava relutante em aceitar, mas D. Elza me ajudou a convencê-lo. A verba que consegui do CNPq para pagá-lo era modestíssima. Tivemos 120 estudantes no curso, de todas as áreas da USP, de Direito à Engenharia. Muitos eram só ouvintes, outros alunos especiais, mas havia muitos mestrandos e doutorandos regulares, o que resultou em uma enorme quantidade de trabalhos para ler e dar nota, atividade que assumi consultando-o frequentemente. Ele deu 9 aulas neste curso e eu apenas 3 para substituí-lo quando viajou. Foi a aventura cognitiva mais importante de minha vida e hoje é um marco histórico pois foi o único curso regular que Paulo Freire deu na USP.

Seria preciso que a Faculdade de Educação se renovasse com novos pesquisadores humanistas e com vocação para o social para que fosse um de seus professores, Moacyr Gadotti, amigo fiel de nosso mestre, a criar o Instituto Paulo Freire, que honra e dignifica a memória dele. Só tenho ouvido elogios dos pesquisadores que procuram o IPF, onde um de seus filhos, o Lute, trabalha.

Este curso foi gravado em áudio e transcrito pela Prof. Maria Helena Rennó e perdido na Editora da ECA, outra estranheza.

Tenho medo de ir ao Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP para procurar a gravação de uma palestra que ele deu lá. Logo depois que assumi a direção do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP, organizei um grupo de estudos sobre Museus no IEA. Paulo Freire foi um dos convidados para falar e nos deu um conselho valioso que segui: consultar os sindicatos de

trabalhadores/as para saber o que suas famílias entendiam como Arte, os seus hábitos culturais e como foram construídos para planejarmos estender o museu até a classe trabalhadora Gravamos sua palestra que deixei nos arquivos do IEA.

Mais tarde, o MAC pode colaborar a pedido de Paulo Freire com seu trabalho na Secretaria de Educação do Município de São Paulo.

Quando foi Secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo por dois anos, colocou os estudos de Arte no mesmo nível de importância de todas as outras disciplinas. Isto só aconteceu antes no Brasil em dois outros projetos, o de Rui Barbosa em 1882/3, nunca implementado integralmente, e o de Fernando de Azevedo no Distrito Federal (1927/1930). Mas só no currículo de Paulo Freire havia Artes Visuais, Música, Dança e Teatro. Nos currículos de Rui Barbosa e Fernando de Azevedo a disciplina chamava-se Desenho, ainda com grande inflexão técnica.

Coordenei o grupo de estudos de reestruturação curricular das Artes, na era Paulo Freire, com professores universitários e professores da rede escolar por mais ou menos um ano. Por fim minha orientanda e Arte/Educadora do MAC naquela época, Maria Christina de Souza Rizzi, assumiu a coordenação desse grupo que Paulo Freire dizia ser o mais numeroso da Secretaria, pois enfocava todas as Artes, inclusive o cinema. Ao fim do mandato do Mário Sérgio Cortella, que o sucedeu brilhantemente, todos os professores de Artes haviam sido atualizados. Durante vários anos depois o melhor ensino de Arte em uma rede de educação pública no Brasil continuava sendo o da Prefeitura de São Paulo.

Alguns de nós que trabalhamos com ele estamos reunindo memórias do tempo da Secretaria. Devemos reavivar nossa memória em homenagem a ele que tinha uma memória aguçadíssima. Quando fiz Livre-docência na USP (1992) ele participou da minha banca. Minha tese foi o livro *A imagem no Ensino da Arte*, o primeiro no Brasil a defender a entrada da imagem em geral e da Arte, em particular na sala de aula, para desenvolver a capacidade de ler imagens e desenvolver a função crítica. Minha postura escandalizou meio mundo da linha

modernista expressionista. Paulo Freire então me lembrou que quando eu estava no terceiro ano de Direito fui conversar com ele sobre abandonar a Faculdade por causa do machismo da época, e ele me aconselhou a persistir dizendo que o Direito desenvolvia a capacidade hermenêutica que eu poderia aplicar em qualquer área em que fosse trabalhar. Pontuou então que eu estava incluindo a hermenêutica nas aulas de Artes Visuais. Nunca mais reclamei do tempo perdido estudando Direito.

Até aqui falei principalmente das influências de Paulo Freire em minha construção pessoal, mas sua influência em minhas pesquisas profissionais foram ainda mais definitivas e observáveis. Primeiro o meu apego a pesquisa histórica em Arte/Educação para poder entender as mudanças de objetivos e métodos adotados através das determinantes sociais dos tempos, e em segundo lugar o esforço experimental em sistematizar abordagens metodológicas que associassem criação, crítica e circunstâncias.

Foi assim que durante nove anos (1983-1992) pesquisei o que hoje chamamos, em Arte/Educação, Abordagem Triangular, que passou por várias fases, várias denominações, várias circunstâncias de experimentações educacionais, vários modelos institucionais e pelo menos duas mídias visuais: a imagem em movimento do vídeo e a imagem fixa das Artes e Culturas Visuais.

Primeiro experimentamos no MAC/USP com as obras de Arte, depois na Fundação Iochpe e Universidade do Rio Grande do Sul com imagens de vídeo nas escolas públicas e privadas, pôr fim na escola pública da rede Municipal de Educação de São Paulo quando Paulo Freire e Cortella eram Secretários através de reproduções de obras de Arte, Design, Moda, Fotografias, etc. associando ou não a idas aos museus de Arte.

A Abordagem Triangular supõe metodologias que correspondam aos processos mentais de FAZER Arte, materializando uma ideia; LER/VER imagens, o campo de sentido ou obras de Arte e CONTEXTUALIZAR. Os

processos de VER: LER; CONTEXTUALIZAR não seguem uma sequência determinada. O professor pode escolher sua metodologia de leitura (semiótica, gestalt, iconologia, estética empírica, etc.) e a natureza da contextualização que a obra pede (histórica, social, fenomenológica, política, científica, etc.) ou que a imagem pede para ser entendida amplamente.

A ideia de basear o ensino da Arte no fazer e no ver Arte é o cerne de todas as manifestações pós modernas da Arte/Educação em todo o mundo.

A triangulação com a contextualização foi o que distinguiu e problematizou socialmente a proposta brasileira e torna a Abordagem Triangular herdeira do pensamento freireano.

A contextualização é talvez o mais pervasivo processo deflagrado pela Abordagem Triangular. Está referenciado a leitura da obra ou do campo de sentido da Arte e também ao fazer.

Todas as disciplinas, todo o conhecimento humano categorizado pode ser movimentado no processo de contextualização desde a Matemática, Ciências, Antropologia, História, Sociologia, etc. Enfim, a obra convida o espaço ao redor. As circunstâncias de várias naturezas e a curiosidade do sujeito para colaborar no entendimento da imagem que analisa e na imagem que produz. A Contextualização é a porta aberta para a interdisciplinaridade e para a leitura do social. Entretanto a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que rege a educação em nosso país, a partir do golpe político em 2016 contra a Presidente eleita pelo povo Dilma Rousseff, é produto da condução ideológica da direita inteligente mas mal intencionada, reunida em instituições privadas aliadas ao Ministério de Educação e Cultura com a intenção de fazer da escola pública lugar de formação de trabalhadores eficientes e defensores do status quo, embora mal pagos. Arditosamente retiraram da proposta para as Artes a Contextualização para evitar o envolvimento com o social, para que não continuemos a despertar as consciências para as desigualdades e para nos alienar e continuarmos a defender os interesses dos ricos e poderosos de sempre. Eliminaram a Contextualização no

ensino das Artes e mantiveram o Fazer Arte e a Leitura da obra de Arte, ou da imagem que agora passa se chamar *Apreciação* ou *fruição*, igual a “Deleite-se mas não pense”. Hoje as Artes na Educação enfrentam o perigo de voltarem a ser apenas uma hora de descanso na Escola.

As obras de Paulo Freire estão na internet, leiam e julguem seu valor por vocês mesmos.

Para terminar estas reminiscências, devo confessar que meu livro preferido continua sendo a *Pedagogia do Oprimido*.

A *Pedagogia do Oprimido* é Filosofia, Sociologia, Educação e acima de tudo é um tratado de Epistemologia.

É um livro nascido da luta empreendida por seu autor para dar aos indivíduos de todas as classes sociais o direito de serem sujeitos de seu próprio processo de conhecimento e para despertar nestes indivíduos o interesse a agudeza e a coragem necessários afim de participar do processo de transformação de suas sociedades.

A consciência da prática gerou a teoria que permeia a *Pedagogia do Oprimido*, a preocupação de Paulo Freire era aliar a clareza de conteúdos aos meios que possibilitavam seu aluno “dizer suas próprias palavras para nomear o mundo”.

Hoje sobrevivendo com dificuldades à tragédia da epidemia do Coronavírus, posso dizer que a análise de Paulo Freire sobre a sociedade brasileira dos anos 60 no livro *Educação como prática da liberdade* (FREIRE, 1967, pag. 49 e 50) é muito atual, principalmente porque milhares de pessoas estão morrendo no Brasil por razões políticas extremistas.

Dizia ele sobre o binômio radicalismo x sectarismo no Brasil:

“A radicalização, que implica no enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita

no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente. Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendam impor silêncio”

Opõe ao radicalismo dialogal o sectarismo, continuando:

“Não pode acomodar-se passivamente diante do poder exacerbado de alguns que leva à desumanização de todos, inclusive dos poderosos. O grande mal, porém, estava (aqui leiam o verbo no presente e terão a análise da política genocida dos anos 2020 e 2021) despreparado para a captação crítica do desafio, jogado pela força das contradições, o homem brasileiro e até as suas elites, vinham descambando para a sectarização e não para as soluções radicais. E a sectarização tem uma matriz preponderantemente emocional e acrítica. É arrogante, antidialogal e por isso anticomunicativa. É reacionária, seja assumida por direitista, que para nós é um sectário de “nascença”, ou esquerdista... Daí o seu gosto (do sectário) pela sloganização, que dificilmente ultrapassa a esfera dos mitos e, por isso mesmo, morrendo nas meias verdades, nutre-se do puramente “relativo a que atribui valor absoluto”. Na redução do povo à massa. O povo não conta nem pesa para o sectário, a não ser como suporte para seus fins”.

Se tiverem dúvidas sobre a importância de Paulo Freire no MUNDO consultem o livro *A pedagogia da libertação em Paulo Freire* organizado por Ana Maria Araújo Freire, (Nita), sua segunda esposa, que demonstrou/comprovou ao Brasil que Paulo Freire é referência máxima no pensamento de grandes filósofos e educadores como Henry Giroux, Joachim Schroeder, Joe Kincheloe, Maxine Greene, Shirley Steinberg, Arantxa Ugartetxea, Donaldo Macedo, Joachim Dabisch, Arve Brunvoll. Todos eles e elas escrevem no livro publicado por Nita Nita tem bravamente defendido a memória de seu marido contra a demolição que a ultradireita tem feito no Brasil de qualquer ideia progressista.

Termo como comecei, falando de amizade, de aconchego, de afeto. A minha relação com a família Freire, era tão intensa que não foi interrompida sequer pela diáspora promovida pela ditadura militar, que jogou sua família em países estrangeiros e retirou a minha do Recife para Brasília e posteriormente para São Paulo.

Fui aluna de Paulo Freire, Madalena minha aluna informal, Ana Amália minha filha aluna de Madalena, e minha filha Ana Amália professora de Carolina, filha de Madalena na escola primária.

Bibliografia

BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira (Orgs). *Abordagem Triangular no ensino das artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010

ECA-USP. Programa da Semana de Arte e Ensino, setembro, 15/19 de 1980

FINKELPEARL, Tom (Org.). *Dialogues in Public Art*. Cambridge: MIT Press, 1999, 25 artistas

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. SP: Editora Unesp, 2001, 38 colaboradores.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. 1ª ed 1967 capa e poema de Tiago de Melo Prefácio de Pierre Furter Longo prefácio de Francisco Weffort <file:///C:/Users/User/Downloads/5.-Educa%C3%A7%C3%A3o-como-Pr%C3%A1tica-da-Liberdade.pdf> consultado 5 de abril de 2021